

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CLAUDIA CARDINALE!
11 de Abril de 2026

CORLEONE / 1978
(O Último Padrinho)

Um filme de Pasquale Squitieri

Realização: Pasquale Squitieri / Argumento: Orazio Barrese, Massimo de Rita, Dno Maiuri e Pasquale Squitieri, baseado num romance do primeiro / Direcção de Fotografia: Eugenio Bentivoglio / Direcção Artística: Umberto Turco / Guarda-Roupa: Renato Ventura / Música: Ennio Morricone / Montagem: Mauro Bonnani / Interpretação: Giuliano Gemma (Vito Gargano), Claudia Cardinale (Rosa Accordino), Francisco Rabal (Don Giusto Provenzano), Stefano Satta Flores (Natale Calia, o advogado), Michele Placido (Michele Labruzzo), Salvatore Billa (Carmelo), Remo Girone (Biagio Lo Cascio), Enrico Maisto (Matteo Agueci), Tony Kendal (Salvatore Sperlazzo), etc.

Produção: Capital Films / Produtor: Mario Cecchi Gori / Cópia em 35mm, colorida, falada em italiano com legendas em português / Duração: 120 minutos / Estreia em Portugal: Charlot (Porto), a 1 de Janeiro de 1981.

Aviso: A cópia que vamos exibir, uma cópia em 35mm oriunda da distribuição comercial do filme em Portugal, encontra-se um pouco surrada (alguns riscos, alguns saltos nas passagens entre bobinas, cores um bocadinho – e só um bocadinho – desbotadas), sinal de uma vida bem preenchida. Nada que impeça a fruição do filme, mas fica o aviso, cuja necessidade é também um sinal do tempo, quando nos vamos todos habituando cada vez mais às cópias impossivelmente imaculadas dos “restauros digitais”.

Haverá ainda muita coisa por desbravar no cinema de género italiano dos anos 70, em especial nos *poliziotteschi*, o género que melhor acompanhou – rimou – a violência dos “anos de chumbo”, o terrorismo político, as intermináveis guerras da Máfia, e os cruzamentos e sobreposições entre ambas as violências (política e mafiosa), ainda hoje, décadas depois, rodeados de considerável opacidade. Os filmes dos Fernando di Leo, Alberto de Martino, Sergio Martino, Massimo Dallamano, Umberto Lenzi, e um vasto etc entre outros cineastas que se tornaram especialistas de um género tradicionalmente pouco considerado mas que vai parecendo cada vez mais rico e interessante à medida que o tempo passa, pelo menos (e independentemente da maior ou menor qualidade dos filmes) enquanto testemunho de um momento histórico.

Pasquale Squitieri (1938-2017) insere-se nesse “vasto etc”. Veio do western-spaghetti, género em que entre outros títulos assinou (com o pseudónimo de William Redford) um “Django contra Sartana”, mas no princípio dos anos 70 converteu-se, e para o resto da década, ao *poliziottesco* e às suas derivas mafiosas, em filmes como **Camorra** ou **Il Prefetto di Ferro**. Foi o sucesso deste último filme, de 1977, que motivou o produtor Mario Cecchi Gori a confiar-lhe o projecto de **Corleone**. Veio a ser o maior sucesso comercial da carreira de Squitieri, embora ele não o considerasse o seu melhor filme, nem o enumerava sequer entre os seus melhores filmes (preferia, ao que parece, **Il Prefetto di Ferro**).

A história contada em **Corleone** tem uma base real, embora bastante modificada, ou romanceada. Adapta um livro de Orazio Barrese (também co-argumentista), sobre a vida de Luciano Liggio, o “capo” do gang dos Corleonesi, uma das mais poderosas famílias da mafia siciliana. Depois de muitos anos a jogar ao gato e ao rato com as autoridades, Liggio tinha sido finalmente preso e condenado (a prisão perpétua) em 1974, e o seu nome e a sua história eram muito familiares ao público italiano. Ao mesmo tempo, havia, sobretudo da parte do produtor, a vontade (um bocadinho exploitation) de aproveitar o embalo daquele que era o mais famoso retrato da Mafia naquele momento dos anos 70, os **Godfathers** de Francis Ford Coppola. Não terá sido por acaso que se chamou a palavra Corleone para o título, pois ela tanto remete para a vila siciliana de onde são originários os corleonesi como para os protagonistas do díptico de Coppola. De resto, o nome próprio do protagonista, Vito Gargano, é outra remissão para Coppola, rapidamente ficamos perto de “Vito Corleone”. Na cabeça do produtor estava a possibilidade de “vender” o filme como uma espécie de “prequela”, ou de “prequela da prequela”, narrando a ascensão fulgurante de um mafioso que seria, ao mesmo tempo, um reflexo de Liggio e do Corleone da ficção. O título internacional escolhido, *Father of the Godfathers*, “o pai dos padrinhos”, mais uma vez aponta para esse caminho.

Uma biografia fictícia fortemente ancorada na realidade, portanto. Corleone tem tanto daquela linha do cinema italiano que pretendia documentar, de forma quase sociológica, o caldo cultural e os modus operandi da mafia siciliana (é, por aí, fácil ligar o filme a coisas como **Le Mani sulla Città** de Francesco Rosi ou **Il Giorno della Civetta**, de **Damiano Damiani**, que aliás já vimos neste ciclo), como tem, já, de transformação da mafia em espectáculo cinematográfico – e Giuliano Gemma dá ao protagonista aquele recorte, dir-se-ia “iconográfico”, próximo da banda desenhada, de cowboy solitário como tantas vezes interpretou nos westerns-spaghetti, como uma espécie de “sombra”. O filme sofre um bocadinho com esta indefinição, o fundo histórico parece por vezes demasiado resumido enquanto a ilustração dos estereótipos da vida de mafioso toma uma preponderância desmedida. Quase todas as personagens secundárias (incluindo Claudia Cardinale) ficam assim na sombra, remetidas a uma função quase “utilitária”, meramente funcional, como entorno para a história de Vito Gargano. Mas o filme – tomado como puro “entretenimento” – tem um bom ritmo dramático, consegue trazer uma razoável intensidade a vários momentos da sua narrativa episódica (por exemplo, a cena da morte de Don Giusto é bastante bem conseguida).

Luís Miguel Oliveira